

REDAÇÃO

REDAÇÃO

TEXTO 1

A solidão é um luxo que apareceu tardiamente na história. Durante centenas de milhares de anos, quando o *Homo sapiens* ainda era uma espécie rara e ameaçada, o indivíduo não podia se separar do grupo, da horda, do clã, da tribo, proteção indispensável diante dos perigos da vida selvagem. Perdido nos espaços imensos e hostis, ele só podia sobreviver em grupo. Tanto intelectual como materialmente, a solidão lhe era estranha. E durante muito tempo ele pôde se pensar apenas como membro de uma comunidade.

A criação dos primeiros Estados organizados, cidades, reinos, impérios, oficializou essa situação, formalizando e multiplicando os laços que ligam o indivíduo a grupos variados: família, grupos profissionais e políticos, associações religiosas e de lazer, confrarias, classes sociais. O homem antigo estava aprisionado numa rede fechada de dependências que não abria espaço para o isolamento nem para a solidão.

(Georges Minois. *História da solidão e dos solitários*, 2019.)

TEXTO 2

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Entre carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

(Carlos Drummond de Andrade. "O boi". *Poesia 1930-1962*, 2012.)

TEXTO 3



(Jean. Vó, 2010.)

TEXTO 4

Uma em cada seis pessoas no mundo sofre de solidão, um problema que, juntamente com o isolamento social, afeta a saúde mental, pode levar a doenças físicas e contribui para cerca de 871 mil mortes por ano, alertou uma comissão criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater esse fenômeno crescente. O primeiro estudo da Comissão sobre Conexão Social, divulgado em 30.06.2025, diz que a solidão e o isolamento afetam pessoas de todas as idades, incluindo um terço dos idosos e um quarto dos adolescentes. “Numa era em que as possibilidades de conexão são inúmeras, cada vez mais pessoas se sentem isoladas e solitárias”, alertou o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, ao apresentar o estudo. Para Ghebreyesus, a solidão e o isolamento social têm efeitos negativos não só sobre indivíduos, famílias e comunidades, mas também causam bilhões de dólares em custos com saúde e perdas de emprego. A comissão enfatizou que a melhor solução para combater esses problemas é a conexão social. Nesse sentido, o estudo apresenta diversas recomendações, incluindo o fortalecimento da infraestrutura para contato social (parques, bibliotecas, cafés) e o aumento do acesso a cuidados psicológicos.

(Deutsche Welle. “OMS: uma em cada seis pessoas no mundo sofre de solidão”. www.cartacapital.com.br, 30.06.2025. Adaptado.)

TEXTO 5

Psicólogos da Universidade de Michigan argumentam em estudo recém-publicado que crenças sociais sobre a solidão, perpetuadas pela mídia, podem acabar exacerbando o sentimento negativo de estar só. Além disso, o senso comum sobre a solidão acaba confundindo estar sozinho com se sentir solitário. “É importante deixar bem claro o que é a solidão, e não acho que a mídia e as campanhas de saúde pública façam isso de forma adequada”, diz a autora principal do estudo, Micaela Rodriguez. “A solidão é uma experiência subjetiva, um sentimento. É possível sentir-se solitário mesmo perto de outras pessoas. Não é o mesmo que estar fisicamente sozinho.”

Parte dessa confusão foi propagada nos últimos anos depois de alertas sobre uma “epidemia de solidão”, apontada por instituições como a OMS. A solidão, nesses casos, tem mais a ver com o isolamento social — uma desconexão crônica, quando se desconecta dos outros por um longo período de tempo. Isso representa uma ameaça à saúde pública, ligada a uma série de problemas, desde depressão até morte prematura. Segundo Rodriguez, a noção de que estar só é fundamentalmente prejudicial não apenas é falsa, mas também pode impedir que as pessoas vivenciem de forma positiva o tempo que passam sozinhas — algo inevitável e natural no cotidiano: “Passar um tempo sozinho pode ajudar a controlar emoções negativas, a se restaurar, a refletir sobre sua vida, pensar criativamente, ter novas ideias e simplesmente se conectar com você, seus objetivos e o que você quer.”

(Alessandra Corrêa. “Ficar sozinho nem sempre é um problema”. www.bbc.com, 09.04.2025. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

VIVEMOS HOJE UMA EPIDEMIA DA SOLIDÃO?

RESOLUÇÃO

Em 2025, a prova da Unesp trouxe em sua redação a frase temática “Vivemos hoje uma epidemia da solidão?”, essa abordagem a partir de uma pergunta projetada para o estudante a necessidade de uma resposta clara e objetiva sobre esse questionamento. Essa tarefa parte, também, da leitura da coletânea - a qual será aprofundada posteriormente -, mas demonstra um viés claro de que há, de fato, uma epidemia de solidão na contemporaneidade. Cabe, então, ao candidato ou candidata desenvolver os motivos pelos quais esse fenômeno social ocorre, quais seus impactos, suas nuances, etc. Percebe-se que o desenvolvimento temático e argumentativo está muito relacionado à leitura consistente e aprofundada da coletânea.

Em relação a esse trajeto lógico construído pelos textos, o primeiro excerto trata-se de um recorte do livro “História da solidão e dos solitários” de Georges Minois que localiza a solidão a partir de uma perspectiva histórica e antropológica ao indicar que as primeiras comunidades humanas dependiam da vida em grupo para a sobrevivência. Apesar do aspecto informativo direto e claro, esse texto traz consigo um aprofundamento interessante ao nos permitir pensar que a solidão é antinatural. Ainda que não haja, nesse texto, a diferenciação de solidão e estar só, essa delimitação, mais a frente, reforçará a percepção de que a solidão trata-se de algo contraditório à condição humana.

O segundo texto é um poema de Carlos Drummond de Andrade e - mesmo que poético - apresenta elementos objetivos a respeito da solidão enquanto fenômeno social. Em seus versos “ó solidão do homem na rua! / Entre carros, trens, telefones, / entre gritos, o ermo profundo.”, Drummond projeta que a solidão coexiste com a presença e a vida

em comunidade, muitas das vezes suplantando estas últimas duas, como o que fica claro em “Se há noite ou sol, é indiferente, / a escuridão rompe com o dia.” , pois a solidão impõem-se para além da vida cotidiana em sociedade. Dessa forma, já a partir desse texto 2 começa-se a construir a percepção de que solidão e estar só são questões distintas.

Para o terceiro texto, a prova trouxe uma tirinha de Jean Galvão e sua personagem “Vó” que se trata de uma idosa. Com isso, a prova nos faz olhar para uma parcela da sociedade que está propensa a sofrer com a solidão; contudo, para além dessa percepção inicial, esse texto instiga à reflexão: por que os idosos estão propensos - ou mais propensos - à solidão? Esse questionamento retoma o termo “hoje” da frase temática, pois é importante relembrar que historicamente as sociedades ocidentais não isolavam ou desvalorizavam seus idosos. A partir dessa reflexão, seria possível perceber que a lógica contemporânea de produtividade compulsória e excessiva leva à desvalorização dos idosos e seu consequente abandono. Essa percepção de uma contemporaneidade hiper produtiva, conectada e veloz se reforça ao longo da coletânea.

Já o quarto texto traz consigo um conjunto de informações bastante completo para evidenciar o aspecto concreto e quantitativo da epidemia de solidão. Ao projetar os números associados à solidão e ao isolamento social, o trecho evidencia o aspecto epidêmico desse fenômeno social. Entretanto, esse texto não se restringe apenas ao caráter informativo, pois evidenciando as possíveis soluções como “fortalecimento da infraestrutura para contato social” ou “aumento do acesso a cuidados psicológicos” o excerto destaca os aparatos de assistência social que falham, como espaços de convívio e cuidado psicológico, bem como provoca a reflexão a respeito do motivo pelos quais esses aparatos falham.

Por fim, em seu último texto, a prova da Unesp diferencia objetivamente a solidão do fato de estar só, uma vez que trata a solidão como o isolamento social que se constitui a partir de uma série de fatores sociais complexos e que foram abordados e aprofundados ao longo da coletânea, por exemplo: a desvalorização de uma parcela da população, a desconexão social ou até mesmo a estrutura socioeconômica que não provê a devida assistência aos indivíduos. Assim, o texto 5 trabalha como um fechamento da linha de raciocínio construída pela coletânea e ressalta, ao final, que estar só faz parte da vivência humana.

Portanto, a prova de redação da Unesp trouxe um questionamento “Vivemos hoje uma epidemia da solidão” que parte da percepção da solidão como fenômeno social complexo e multifatorial - social, cultural, histórico, econômico etc. - e caberia aos estudantes explorarem esses elementos que compõem tal fenômeno.